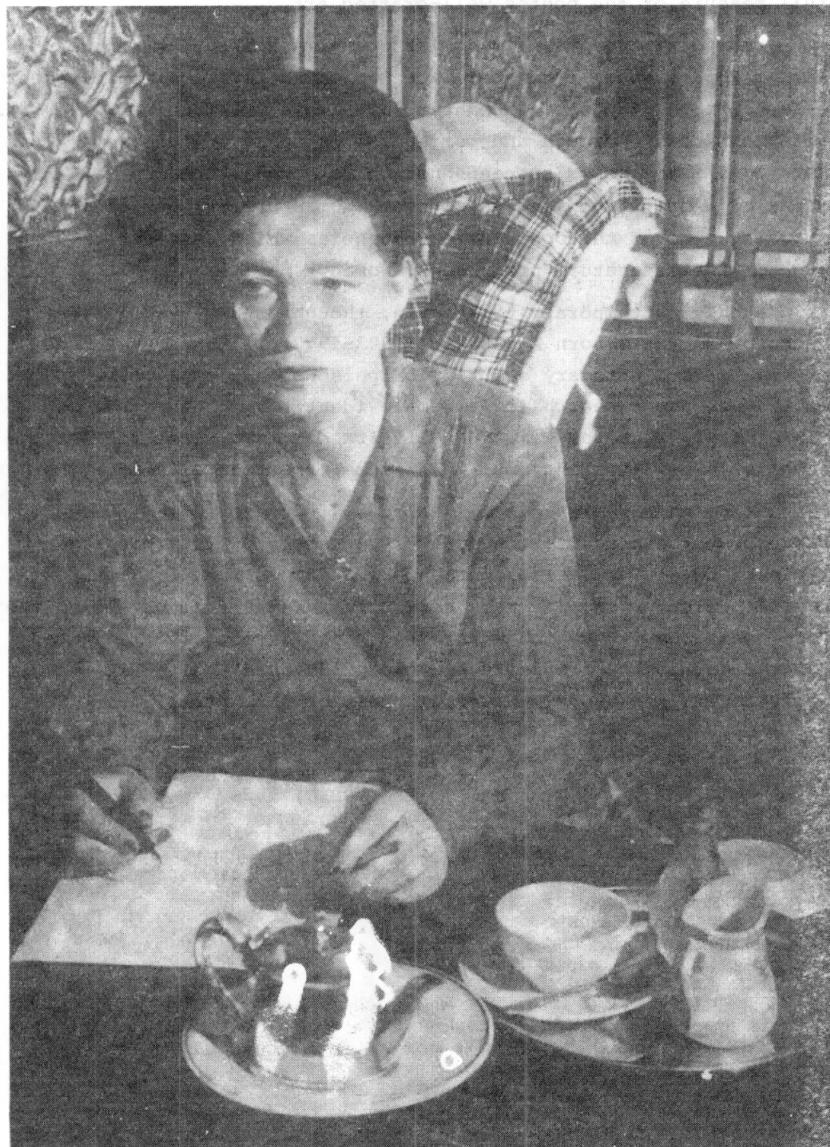


As a child I spent a great deal of time with my grandmother. I loved spending time with her, and I enjoyed spending time with my grandfather. They were both very kind people, and they always made me feel welcome.



do que aborda no seu ensaio que analisa os efeitos da sua obra, que é o de provocar a reflexão sobre a questão das relações entre gênero e classe social e sobre a questão da liberdade de expressão. A obra de Beauvoir é uma obra que desafia a ordem estabelecida na sociedade francesa, que é a de manter a hierarquia entre homem e mulher, entre classe alta e classe baixa, entre gênero masculino e feminino.

## SIMONE DE BEAUVIOR — A GRANDE DAMA DO FEMINISMO

Rosa Alice Caubet (UFSC)

Há um princípio bom que criou a ordem, a luz, e o homem e um princípio mau que criou o caos, as trevas e a mulher.

(Pitágoras)

A primeira mulher em que se pensa quando se procura, na literatura francesa, o exemplo de uma mulher que seja também uma grande escritora, é seguramente Colette. Mas, se em sua vida Colette foi uma feminista convicta, se teve um comportamento que desafiava toda e qualquer convenção da sociedade machista - mesmo que consideremos os padrões atuais - as suas personagens de meia idade e seu extenso bestiário têm, pela maneira como ela aborda esses temas, relentos de misóginia. Colette pagou caro e duramente pela sua liberdade, mas um balanço entre sua vida e obra resulta que os sinais exteriores e ostentados de emancipação (pintar-se com agressividade, usar uma linguagem provocante, ter liberdade de costumes, dirigir um automóvel - estamos na "belle-époque" no início do século) não correspondem a uma verdadeira liberação afetiva, moral, intelectual.

Para representar a literatura francesa nesta revista sobre Literatura/Mulher, preferi, então, trazer Simone de Beauvoir, mais coerente, nossa contemporânea, cuja vida e obra não

só vão de par, mas se tornaram inseparáveis. Vou abordar, então, essa circularidade essencial que faz com que seja impossível dizer até onde vai a vivência e onde começa a obra.

Num filme realizado por Josée Dayan em 1978 (que leva o nome de **Simone de Beauvoir**), a autora explica como a memória de seu passado se confunde com seus livros de memórias.

Tendo escrito minhas memórias, lembro do que escrevi em minhas memórias, não há mais nenhuma surpresa. (...) Por exemplo, quando falo com minha irmã, há coisas de que ela se lembra e eu sou incapaz de ressuscitá-las porque não foram anotadas, inscritas e é como se elas não mais existissem. É certo. Escrever embalsama o passado, mas isso o deixa um pouco fixo como uma múmia. Não tenho lembranças muito quentes, muito vivas do que me aconteceu outrora. Ou elas são quentes, vivas se, por exemplo, eu me releio um pouco e, através dessa leitura, eu ressuscito a coisa. Mas as lembranças geralmente não vêm de uma maneira espontânea.

Em suas memórias<sup>1</sup> Simone de Beauvoir conta a história da lenta emancipação que ela deve aos estudos avançados e à influência de Jean-Paul Sartre, a quem encontrou quando preparavam a "agrégation" de filosofia, concurso máximo na carreira do magistério.

Impossível falar em Simone de Beauvoir sem falar em Sartre: é prova disso a última frase do último livro da autora, **A Cerimônia do Adeus**, que é o testemunho dos dez últimos anos da vida de Sartre.

Sua morte nos separa. A minha morte não nos reunirá. São os fatos; já é maravilhoso que nossas vidas tenham podido se harmonizar por tanto tempo.

As cartas de Sartre a Simone de Beauvoir, recentemente publicadas (sem as respostas), também são prova disso. Ali está preto no branco: Sartre nunca publicou nada sem a autorização de Beauvoir e as sugestões feitas por ela às obras de Sartre foram acatadas. Para exemplificar com o aspecto mais importante; sabemos que Sartre é o pai do existentialismo francês.

Beauvoir não escreveu obras filosóficas. Escreveu alguns ensaios, na maioria das vezes para defender o existentialismo contra os ataques de que era alvo. Mas ela "forçou o existentialismo a pensar acima de suas possibilidades."<sup>2</sup> Ela forneceu ao existentialismo elementos essenciais à tomada de consciência minuciosa da opressão das mulheres. E, vice-versa, foi o existentialismo que a conduziu ao feminismo:

tua idéia me permite pensar a condição feminina  
tua filosofia me põe no caminho de minha emancipaçāo, tua verdade me tornará livre.<sup>3</sup>

(Abro um parênteses aqui para insistir: trata-se do existentialismo francês. Kierkegaard, o primeiro filósofo existentialista escreveu: "Que infelicidade ser mulher! E no entanto, a pior infelicidade, quando se é mulher, é não entender isso."<sup>4</sup>)

Simone de Beauvoir foi suficientemente inteligente para seguir o seu próprio caminho dentro de uma linha comum, completando a obra de Sartre com a reflexão sobre a condição feminina, o relato de suas vidas - relato esse que inclui a gênese das obras de um e outro, uma apreciação crítica dessas mesmas obras. É um documento de grande valor. Talento ela tinha de sobra e, junto com uma memória fabulosa e um trabalho insano de anotações, ela nos deu quatro volumes de grande valor também literário. Escreveu também muitos romances, e em todos os livros, contando como se emancipou, Simone de Beauvoir conta também como muitas de suas amigas não tiveram a sorte de escapar, como ela, dos malefícios de uma certa educação. A condição feminina é, desde o início de sua carreira, o centro dos problemas que aborda e inclui aqui sem hesitar romances, memórias, ensaios, teatro e a própria vida da autora, indiferentemente.

Em 1949 ela publica **O Segundo Sexo**, estudo documentadíssimo sobre todos os aspectos da condição feminina, onde tenta desmistificar o conceito de "feminilidade", inventado pelos homens para fechar as mulheres numa noção de "natureza" inelutável. Sente-se aqui o pensamento de Sartre que recusa a noção de natureza humana. O homem não é naturalmente bom ou naturalmente ruim, ele é o que se torna através de seus atos. A noção de

condição humana substitui a noção de natureza humana.

Vou propor uma das leituras possíveis da obra de Simone de Beauvoir, percorrendo **O Segundo Sexo**. Não é a única, mas, a meu ver, a primordial, já que a autora afirma que "não se nasce mulher, a gente se torna mulher."<sup>5</sup>

Foi quando ela estava acariciando a idéia de uma autobiografia que Simone de Beauvoir se perguntou o que significava para ela ter nascido mulher. Pensou, de inicio, poder resolver rapidamente o problema.

Jamais tinha tido sentimento de inferioridade, ninguém me tinha dito: você pensa assim porque é mulher. Minha feminilidade não me tinha atrapalhado em nada. Eu disse a Sartre que para mim, praticamente, isso não tinha contado.

- Mesmo assim, você não foi educada da mesma maneira que um rapaz: seria preciso olhar isso aí mais de perto. Olhei e tive uma revelação: esse mundo era um mundo masculino, minha infância tinha sido alimentada de mitos forjados pelos homens e eu não tinha reagido a esse fato da mesma maneira que se fosse um rapaz. Fiquei tão interessada pelo assunto que abandonei o projeto de uma confissão pessoal para me ocupar da condição feminina em sua generalidade.<sup>6</sup>

Por outro lado, seus conhecimentos de literatura e filosofia provavam que (essas informações estão também no **Segundo Sexo**) legisladores, padres, filósofos, escritores, sábios insistiram em demonstrar que a condição de subordinada da mulher era desejada no céu e de proveito na terra. Desde a antiguidade satíricos e moralistas não se cansam de fazer o quadro das fraquezas femininas. Sabe-se com que hostilidade a mulher sempre foi tratada através de toda a literatura francesa. Mas "é mais fácil acusar um sexo do que desculpar o outro", diz Montaigne<sup>7</sup>, e essa hostilidade, freqüentemente gratuita, esconde um desejo de auto-justificação. O código romano, por exemplo, limita os direitos da mulher invocando "a imbecilidade, a fragilidade do sexo", e num momento em que, em consequência do enfraquecimento da família, a mulher se torna um perigo para os herdeiros do sexo masculino.

Montaigne, citado acima, denunciou a arbitrariedade e a injustiça da sorte reservada às mulheres que "têm razão quando recusam as regras que são introduzidas no mundo, já que são os homens que as fizeram sem elas."<sup>8</sup>

Mas é só no século XVIII que homens profundamente democratas encaram a questão com objetividade. Diderot, entre outros, se empenha em demonstrar que a mulher é, como o homem, um ser humano. Esse filósofo é de uma imparcialidade excepcional. No século XIX a querela do feminismo tornou-se de novo uma querela de partidários; uma das consequências da revolução industrial é a participação da mulher no trabalho produtor. É quando as reivindicações feministas saem do campo teórico e encontram bases econômicas; os seus adversários tornam-se mais agressivos. Mas a burguesia se agarra à velha moral que vê na solidez da família a garantia da propriedade privada: ela exige a mulher no lar com um afínco diretamente proporcional à ameaça que constitui a sua emancipação. Mesmo na classe trabalhadora os homens tentaram frear a liberação, pois essas perigosas concorrentes estavam acostumadas a trabalhar por baixos salários. Para provar a inferioridade da mulher, os antifeministas, que antes tinham como único recurso a religião, fizeram valer a filosofia, a teologia, e até a ciência: biologia, psicologia experimental, etc. Consentia-se no máximo, para o segundo sexo, em "igualdade na diferença". Simone de Beauvoir faz ver que é a mesma fórmula que utilizam as leis americanas ditas anti-racistas. Numa análise mais profunda dos argumentos, nossa autora observa que não é um acaso se os processos justificatórios são os mesmos para reduzir à condição inferior, quer seja uma raça, quer seja uma casta, quer seja um sexo. "*L'éternel féminin*", para Simone de Beauvoir, é o homólogo da "alma negra" e do "caráter judeu". Na verdade é um pouco como a história dos negros contada por Bernard Shaw: o americano relega o negro ao nível de engraxate e conclui que ele só serve para engraxar sapatos.

Esse círculo vicioso, pois, se aplica à mulher. O lugar da mulher é, atualmente, o lugar que o homem escolheu para ela. A VERDADEIRA mulher é frívola, pueril, irresponsável, ou seja, a mulher submissa ao homem. E como diz Simone de Beauvoir, quan-

do um indivíduo ou um grupo de indivíduos é mantido em situação de inferioridade, ele é inferior. (Em francês existe um só verbo para SER e ESTAR. Todos ainda se lembram da famosa fórmula do prof. Portela, Ministro da Educação demissionário (sic) do governo João Figueiredo, quando da primeira grande crise da Universidade brasileira em 1980: "Eu estou ministro e sou professor". Então, em francês, só dispomos do verbo Etre e é sobre o alcance desse verbo que é necessário concluir. A má fé masculina, nesses casos, consiste em lhe dar um valor substancial, quando ele tem um sentido dinâmico.) Em outras palavras a mulher hoje em dia é inferior aos homens (Na Europa sobretudo, isso era mais verdade em 1949 quando da publicação do **Segundo Sexo**; hoje já existem inúmeras exceções, mas insisto na palavra exceções.); o problema é de saber se este estado de coisas deve se perpetuar. E quando Simone de Beauvoir diz que não nascemos mulheres, ela quer dizer também que isso implica numa boa dose de comodismo por parte das mulheres. Cabe às mulheres reagir: os homens são como são porque as mulheres aceitam o lugar que lhes foi designado. Cada qual tem excelentes razões: uma não quer ficar no prego, outra não quer enfrentar a pressão familiar - que sempre é violenta - afinal de contas o pioneirismo nunca foi uma solução cômoda, outras acham que ruim com ele pior sem ele, e só de pensar em assumir uma profissão séria, carreira, etc., preferem continuar dependentes e em consequência submissas. Mesmo as que trabalham, aliás, se acomodam freqüentemente numa falta de ambição; o ordenado de assistente em regime de 20 horas dá para minhas roupas, o cabeleireiro, a pintura... Mas aqui extrapolei um pouco, pois foi esse um dos temas de um encontro de estudos sobre a mulher na Universidade de Toulouse-le Mirail em 1984.

Voltando a Simone de Beauvoir, cabe à mulher reagir. É de novo o existentialismo que surge aqui: deve-se agir nem que seja para alterar o seu quotidiano, e há sempre alguma coisa a fazer do que fizeram da gente.<sup>9</sup>

As próprias escritoras foram as primeiras a não ousar se aventurar por caminhos inéditos. Cantavam o ideal burguês e exaltavam a mistificação destinada a convencer as mulheres a

permanecerem como mulheres, ou seja, a assumirem sua diferença. Simone de Beauvoir indica, a essas escritoras, os caminhos da liberdade e da criação: transcendência, solidão, desvendamento da realidade inteira e não de sua própria pessoa, contestação da condição humana, e não somente da condição feminina."Emergir em fim de mundo para recriá-lo todo novo."<sup>10</sup> É preciso se liberar da mulher que nos tornamos: narcisista timorata, mistificada, voltada para si mesma. E ela não vê outro meio de emancipação que não comece pelo trabalho que traz: 1) independência financeira, 2) preocupações concretas que substituem a contemplação do umbigo. "As mulheres devem superar a especificidade milenar que as acantona em sua feminilidade."<sup>11</sup> Ou seja: é o fim da era congenital. Mas para sair, enfim, da inferioridade, para atingir a liberdade do "criador", seria, pois, necessário deixar de ser mulher? É a ambigüidade de uma fórmula que cristalizou a tomada de consciência de uma geração de intelectuais e retomou a questão das mulheres. Eu acrescentaria que, ao contrário, é a hora de se mostrar que se é mulher. O fato é que, com Marguerite Yourcenar (a primeira mulher a ter acesso à Academia Francesa), Nathalie Sarraute, Marguerite Duras, para só citar as maiores, Simone de Beauvoir faz parte de um grupo de escritoras inovadoras que se impõe à crítica. Se esse grupo busca efetivamente o reconhecimento de uma só literatura, que transcenda os sexos, não estudei suficientemente a questão para afirmá-lo. Só posso afirmar que as duas correntes coexistem entre as escritoras contemporâneas. Algumas delas, Marguerite Duras, por exemplo, cansada de ouvir falar de seus livros como livros de mulher, começou a recusar-se a responder sobre o assunto, ou seja, sobre o fato de ser mulher e escrever. Posso afirmar também que Simone de Beauvoir nunca encampou (na prática da escrita) o movimento da escritura feminina dos anos 60, quando artigos, ensaios sobre o assunto, são cantos de amor e de orgulho, uma encantação, por assim dizer, da diferença, um hino ao "feminino". A escritura (o estilo) de S.B. não se afirma contra o LOGOS, o discurso masculino. Ela não inventa uma outra linguagem, uma nova escritura. (Conheci feministas que não usam uma só palavra do gênero masculino.) Ela lamenta até que muitas (demais) mulheres escritoras, em sua luta, tenham

por único tema a sexualidade (órgãos sexuais, Lacan - a volta ao útero materno). Se bem que admita que pelo menos, para falar de sexo, elas se coloquem como olhar, como elemento ativo (na relação sujeito/objeto), como consciência, como liberdade.

Quando escreveu o **Segundo Sexo** S.B. não era feminista.

Teriam me surpreendido e até irritado, aos 30 anos, se me tivessem dito que eu me ocuparia dos problemas femininos e que meu público mais sério seriam mulheres.<sup>12</sup>

Como eu disse há pouco, baseada no que ela própria escreveu sobre o assunto em suas memórias, esse livro foi concebido de maneira quase fortuita. Querendo falar de si mesma, Beauvoir se deu conta de que era necessário começar pela descrição da condição feminina. Ela acabou ajudando muitas mulheres que descobriram em sua filosofia como se liberar das imagens que tinham de si próprias e que as revoltavam. O livro era um recurso contra os mitos que as esmagavam. As mulheres se deram conta de que as suas dificuldades não refletiam uma desgraça singular, mas uma condição generalizada. Essa descoberta permitiu-lhes evitar o auto-desprezo, algumas até encontraram no livro forças para lutar. "A lucidez não faz a felicidade, mas favorece e dá coragem."<sup>13</sup> Psiquiatras recomendavam a leitura do livro às suas pacientes, e não somente intelectuais, mas também burguesas, de classe média, operárias.

Mas, evidentemente, o livro suscitou muitos mal-entendidos. Aliás, ele foi imediatamente colocado no Index. Houve muita gente para alimentar esses mal-entendidos. Os homens, principalmente, consideraram uma injúria pessoal o que ela tinha escrito sobre a frigidez feminina pela qual foram responsabilizados. Normal que os homens façam questão de imaginar que dispensam prazer quando querem (ELES julgam quem merece e quem não merece). Duvidar disso, é castrá-los.

Um capítulo trata do aborto. Outro assunto tabu. Que festival de obscenidade, sobre pretexto de fustigar a indecência encontrada no livro!

Recebi, assinados ou anônimos, epigramas, epíte-

tos, sátiras, admoestações, exortações que me endereçavam por exemplo MEMBROS MUITO ATIVOS DO PRIMEIRO SEXO. Insatisfeita, gelada, priápica, ninfomaníaca, lésbica, cem vezes abortada, fui tudo, até mãe clandestina. Oferecia-me para curar minha frigidez, acalmar meus apetites glutões, prometiam-me revelações, em termos vulgares mas em nome da verdade, do belo, do bem, da saúde e até da poesia, indignamente saqueada por mim.<sup>14</sup>

Perambulando nas revistas da época por razões outras, encontrei algumas pérolas. Mauriac, escritor católico conhecido de todos que têm um pouco de contacto com a literatura francesa, senhor muito respeitável, escreveu a um dos colaboradores dos **Temps Modernes**: "fiquei sabendo tudo sobre a vagina de sua patroa". Ele provavelmente não esperava que a revista publicaria a declaração. Etc. Etc. Fiz uma censura dessas críticas que freqüentemente foram de extrema vulgaridade.

Quando saiu o segundo volume do livro, seis meses depois (em novembro de 1949), houve nova ofensiva, mas contraditória. Os críticos caíam das nuvens:

...não havia problema: as mulheres sempre foram iguals aos homens; elas eram irremediavelmente inferiores a eles; tudo o que eu dizia já se sabia, não havia uma palavra de verdade no que eu dizia.<sup>15</sup>

Quanto aos adjetivos é de novo quem mais pode: uma pobre coitada neurótica, recalcada, frustrada, infeliz, virago, (censura), invejosa, azeda, cheia de complexos de inferioridade em relação aos homens, em relação às mulheres consumida pelo ressentimento. Alguns críticos (homens) afirmaram também que não lhe cabia falar nas mulheres já que não procriara (sic!). Mas S. B. não recusou todo e qualquer valor ao sentimento materno, conforme outra acusação de que foi alvo.

Eu pedi que a mulher vivesse [esses sentimentos] na verdade e livremente, já que muitas vezes ela se aliena neles, a tal ponto que a alienação continua quando o coração calou.<sup>16</sup>

Eu me atardei muito no Segundo Sexo, mas não foi por acaso. Já

disse que S.B. não era feminista quando escreveu esse livro, mas uma mulher preocupada com a condição feminina. No entanto, fato bastante frequente na vida de um autor, **O Segundo Sexo** foi muito além das expectativas e até das intenções de sua autora. O público e a crítica em geral, a favor ou contra, fizeram deste livro uma obra feminista. Assumindo a sua própria contingência, S.B. assumiu a etiqueta que lhe foi imposta de fora. Era uma posição a justificar. Reinventando-a, fez dela obra sua e lhe impôs um sentido. Eu quero dizer com isso que S.B. não escreveu **O Segundo Sexo** porque era feminista, mas que se tornou feminista porque escreveu **O Segundo Sexo**. A vontade substituiu o pretenso mandato: "eu era esperada... eu fazia o que devia ser feito."<sup>17</sup> Eis o que diz Francis Jeanson a respeito, num livro sobre Simone de Beauvoir:

é sempre passando por outras consciências que uma consciência particular pode chegar a si mesma, pois é necessário dar sentido a todas as significações que ela já recebeu do mundo e que o próprio sentido de que ela se quer autora deve por sua vez obter sentido no mundo. Minha verdade depende dos outros: enquanto ela me foi inicialmente dada como vinda deles, depois na medida em que eles não cessam de retomá-la e de contestá-la, a partir do momento em que eu mesma me esforce por fazê-la.<sup>18</sup>

Mas claro é que, se seu dever lhe convinha, era na medida exata em que ele servia sua própria satisfação. Quinze anos depois da publicação do livro, num de seus volumes de memórias, S.B. diz que **O Segundo Sexo** é o livro que lhe trouxe as maiores satisfações. No entanto, foi a única de suas obras que foi amplamente combatida. Os seus volumes de memórias tiveram o apoio unânime da crítica.

Simone de Beauvoir nunca alimentou a ilusão de transformar sozinha a condição feminina. Esta é mais uma idéia do existencialismo: não se luta para ganhar tão somente; pelo menos a gente mostra que há descontentes. S.B. sabe que "a condição feminina depende do futuro do trabalho no mundo, que [ela] só mudará seriamente quando houver uma revolução na produção."<sup>19</sup> S.B. também não trouxe remédio a cada problema particular, mas

ajudou e ajuda as mulheres de sua época a tomar consciência de si mesmas e de sua situação. Ela se manifesta em favor das mulheres sempre que se faz necessário, a respeito de um projeto de lei, um processo, etc..., através da imprensa ou em ato público. Encabeçou, por exemplo, uma lista de 341 personalidades femininas que declararam à imprensa, com o intuito de modificar a lei sobre a matéria: EU PRATIQUEI O ABORTO. Com isso criou um precedente jurídico de não punição a crime previsto por lei, e conseguiu, a médio prazo, a liberação da prática abortiva em condição de higiene e segurança, ou seja, em ambiente hospitalar. Mais recentemente, com o advento do governo socialista, conseguiu-se na França que a previdência social arcasse com as despesas de tais intervenções, o que só foi possível em consequência daquela primeira luta, que encampou por convicções pessoais: para decidir de seu destino, é preciso que a mulher disponha de seu corpo. S.B. recusou ser mãe porque decidira ser escritora, julgando-se incapaz de harmonizar as duas atividades.

Há um aspecto que não posso deixar de levantar, se bem que essa última fase da autora eu conheça menos bem: na medida em que o movimento feminista se radicalizou, S.B. se radicalizou também. Ela não se fechou no movimento chamado feminismo enquanto acreditava numa aliança possível e eficiente com os opressores. Dizia no *Segundo Sexo* que a mulher "pesa tanto sobre o homem, porque lhe é proibido repousar sobre si mesma: ele se liberará, liberando-a". E também que "o problema da mulher sempre foi um problema dos homens". Depois ela viu o que se passou nos vinte anos que seguiram à publicação desse livro. A liberação do proletariado devia conduzir fatalmente à liberação da mulher. Veio o socialismo russo, o único socialismo realizado, na época. Trabalhando de igual para igual com os homens, as mulheres russas trabalham dobrado, pois a família e a casa continuam a encargo delas. Nem por isso são chamadas a ocupar postos de responsabilidade política ou de poder real.

Outro exemplo, o da Argélia. Durante a guerra da independência as mulheres lutaram como homens (Vejam como para me fazer entender só disponho do **logos** machista). Assim que foi cons-

tituído o novo regime elas foram relegadas outra vez à sua inferioridade caseira e mantidas estritamente no poder patriarcal dos homens da família.

Na França deu-se direito de voto às mulheres em 1946, e reforçou-se ao mesmo tempo um movimento que prega a volta ao lar. O novo governo socialista quer institucionalizar o emprego de meio período... para as mulheres, sob o pretexto de aliviá-las. Seria preciso, isto sim, segundo S.B., uma redução das horas de trabalho de ambos os sexos com divisão do trabalho doméstico e familiar. Para tanto cabe ao Estado assumir em parte a educação das crianças com mais creches. A partir de três anos de idade, na França, o problema já está resolvido.

Seu discurso, em consequência, mudou de tom. A rubrica de um dos números de **Temps Modernes** (1979), "O sexismº ordinário", já é prova disso. Em 1975 já emprestara seu nome ao grupo de feministas mais radical.<sup>20</sup> "Como são os pobres que devem arrancar o poder dos ricos, as mulheres devem arrancar o poder dos homens."<sup>21</sup> Ela tomou consciência, ao ter atingido o ponto que atingiu, de que a luta das mulheres pela sua autonomia não podia mais se fazer com os homens mas contra os homens.<sup>22</sup>

No post-scriptum ao **Segundo Sexo**, (um conjunto de conferências e entrevistas publicado pela Gallimard em 1979) aparece claramente esse novo discurso.

É necessário que uma mulher trabalhe, é necessário a independência econômica antes de mais nada.

.....  
A luta de classes propriamente dita não emancipa a mulher. Suprimir o capitalismo não suprime a tradição patriarcal, enquanto existir a família.

A luta feminista de Simone de Beauvoir se encaixa no esquema de ação existentialista, pois "agir é modificar a figura do mundo, é dispor dos meios visando um fim, é produzir um complexo instrumental organizado de tal maneira que produza um resultado previsto."<sup>23</sup> É importante dizer ainda que a ação é por princípio intencional, o que não quer dizer que se preveja todas as consequências de seus próprios atos; é importante di-

zer também que "a condição indispensável e fundamental de toda ação é a liberdade de quem age."<sup>24</sup> O sucesso da empresa repousa então sobre uma organização complexa: MOTIVO - INTENÇÃO - ATO - FIM. Esperamos ter exposto bastante claramente os motivos de Simone de Beauvoir. O seu próprio texto declara suas intenções. O livro é o ato. E o FIM? Que as mulheres se tornem - e aqui eu cito outra epígrafe do segundo volume de **Segundo Sexo**, que é de autoria de Sartre,

meio vítimas, meio cúmplices, como todo mundo.

#### NOTAS

<sup>1</sup> **Mémoires d'une jeune fille rangée, La force de l'âge, La force des choses.**

<sup>2</sup> Le DOEUFF, Michèle. "De l'existentialisme au deuxième sexe" in **Magazine Littéraire** nº 145, fev. de 1979.

<sup>3</sup> Idem, ibidem.

<sup>4</sup> Citado por Simone de Beauvoir, como epígrafe, em **Le Deuxième Sexe II**.

<sup>5</sup> **Le Deuxième Sexe I.**

<sup>6</sup> **La Force des Choses I.**

<sup>7</sup> Citado por Simone de Beauvoir em **Le Deuxième Sexe I.**

<sup>8</sup> Idem, ibidem.

<sup>9</sup> SARTRE, Jean-Paul. "L'espoir maintenant" in **Le Nouvel Observateur**, março de 1980.

<sup>10</sup> **Le Deuxième Sexe II.**

<sup>11</sup> Ibidem.

<sup>12</sup> **La Force Des Choses I.**

<sup>13</sup> **Le Deuxième Sexe.**

<sup>14</sup> **La Force des Choses I.**

<sup>15</sup> Ibidem.

<sup>16</sup> Ibidem.

<sup>17</sup> Ibidem.

<sup>18</sup> in **Simone de Beauvoir ou l'entreprise de vivre.**

<sup>19</sup> **Le Deuxième Sexe.**

<sup>20</sup> L'Arc nº 61, "Simone de Beauvoir et la lutte des femmes". Foi republicada nessa ocasião a entrevista de Sartre à Beauvoir sobre as mulheres, mas não consta deste número nenhum artigo da autora.

<sup>21</sup> Citado por Georgette ROBERT, in **Magazine Littéraire** nº 145, fev. de 1979.

<sup>22</sup> ROBERT, Georgette. "Simone de Beauvoir et le féminisme", in **Magazine Littéraire** nº 145, fev. de 1979.

<sup>23</sup> SARTRE, Jean-Paul. **L'Etre et le Néant.**

<sup>24</sup> Idem, ibidem.

#### BIBLIOGRAFIA

- 1) L'ARC nº 61: "Simone de Beauvoir et la lutte des femmes", Aix-en-Provence, 1975.
- 2) BEAUVOIR, Simone de. **Le Deuxième Sexe** vol. 1 e 2. Paris, Gallimard, 1949.
- 3) \_\_\_\_\_. **La Force de l'Age**, Paris, Gallimard, 1960.
- 4) \_\_\_\_\_. **La Force des Choses**, Paris, Gallimard, 1963.
- 5) \_\_\_\_\_. **La Cérémonie des Adieux**, Paris, Gallimard, 1980.
- 6) \_\_\_\_\_. "La femme la pub et la haine" in **Le Monde**, 4 de maio de 1983.
- 7) DAYAN, Josée et RIBOWSKA, Malka. **Simone de Beauvoir**, Paris, Gallimard, 1979.
- 8) JEANSON, Francis. **Simone de Beauvoir ou l'entreprise de vivre**, Paris, Seuil, 1966.
- 9) MAGAZINE LITTERAIRE "Simone de Beauvoir" nº 39, abril de 1970.
- 10) SARTRE, Jean-Paul. **L'Etre et le Néant**, Paris, Gallimard, 1980.
- 11) \_\_\_\_\_. "L'espoir maintenant" in **le Nouvel Observateur** nºs 800, 801 e 802, março de 1980.

